UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
CURSO DE PSICOLOGIA

EDGARD ALVES RODRIGUES
JOÃO FELIPE COSTA SANTOS
LILIAN QUEDIMA DOS SANTOS ANDRÉ
LUCIRENE VIEIRA DOS SANTOS ANDRADE
THAIS BICALHO SANTOS

A PSICOLOGIA COMO ÚLTIMO RECURSO NAS INSTITUIÇÕES HOSPITALARES

ANÁLISE E RESULTADO DE DADOS

BELO HORIZONTE
2026

EDGARD ALVES RODRIGUES
JOÃO FELIPE COSTA SANTOS
LILIAN QUEDIMA DOS SANTOS ANDRÉ
LUCIRENE VIEIRA DOS SANTOS ANDRADE
THAIS BICALHO SANTOS

A PSICOLOGIA COMO ÚLTIMO RECURSO NAS INSTITUIÇÕES HOSPITALARES

ANÁLISE E RESULTADO DE DADOS

Trabalho apresentado à Universidade Salgado de Oliveira, como requisito parcial da disciplina Psicologia Institucional, do curso de Psicologia (4º período, turno noturno).
Professor orientador: Dr. Francesco Napoli

BELO HORIZONTE
2026

RESUMO

O presente trabalho analisa a atuação da Psicologia nas instituições hospitalares, problematizando sua utilização como último recurso diante de situações de crise e sofrimento emocional. A pesquisa fundamenta-se em uma visita técnica à Fundação Hospitalar São Francisco de Assis, localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, com foco nas condições de trabalho e nos desafios enfrentados pelos profissionais de Psicologia no ambiente hospitalar. A partir das contribuições teóricas de José Bleger, especialmente do conceito de Psico-Higiene, e das reflexões de Michel Foucault sobre as relações de poder, vigilância e controle institucional, são discutidos os impactos da organização hospitalar sobre a saúde mental de pacientes, familiares e trabalhadores. A análise destaca dificuldades relacionadas à elevada demanda de atendimentos, à ausência de parâmetros específicos para o dimensionamento das equipes de Psicologia e ao desgaste emocional provocado pelo contato cotidiano com o adoecimento, o abandono e a morte. Evidencia-se a necessidade de superar uma atuação psicológica predominantemente emergencial, valorizando práticas preventivas, espaços de escuta e estratégias institucionais de promoção da saúde mental. Conclui-se que a Psicologia deve integrar continuamente os processos de cuidado hospitalar, contribuindo para a humanização da assistência, a valorização dos profissionais e a construção de relações institucionais mais saudáveis. Nesse contexto, destaca-se a importância de refletir sobre uma questão central: quem cuida de quem cuida?
Palavras-chave: Psicologia Institucional; Psicologia Hospitalar; Saúde Mental; Psico-Higiene.

ABSTRACT

The central objective of this study is to conduct a descriptive analysis of the work of a psychologist in a hospital setting. From this perspective, a field visit was conducted, which will be presented in great detail in the introduction, os its specific nature is not only necessary but also highlights relevant issues within the context, such as the challenges associated with patient demand. It is important to emphasize that this professional, as a unique individual in the context of psycho-hygiene (Bleger), requires a more comprehensive perspective. As a challenge, it can be understood that all institutions face internal structural difficulties, as dealing with people is a dimension that demands not only professionalism but, above all, empathy. And when this scenario occurs in a hospital setting, the difficulties are, in a way, quite complex. Dealing with illness, abandonment, and grief—while part of life's stages—inevitably affects those involved in caregiving. And the question that remains is: Who cares for the caregivers?

1 INTRODUÇÃO

O texto apresentado tem como proposta a circunscrição, explicação, adjetivação e exemplificação. Tendo como foco uma pesquisa através das lentes da Psicologia Institucional, com o intuito de contribuir no conhecimento referente ao tema central que é a resposta de ação dos indivíduos, e suas ações, especificidades e a resposta qualitativa no contexto de uma sociedade estruturada com suas diversidades constitucionais. Com base em dados coletados, pode-se compreender que o universo das instituições é mais complexo do que se possa imaginar. O trabalho aqui proposto, busca através de ferramentas analíticas uma compreensão que seja uma abordagem com uma comunicação de fácil acesso, e alcance os seus objetivos relacionados ao tema.

A instituição de pesquisa é a Fundação Hospitalar São Francisco de Assis. Ainda que o hospital faça parte do sistema único de saúde (SUS), sua história atravessa gerações. Inaugurado em 1936, este é o segundo hospital mais antigo de Belo Horizonte. Segundo dados coletados, "Depois da Revolução de 1930, o Presidente do Conselho Metropolitano de BH/MG, da Sociedade São Vicente de Paulo, Sr. Joaquim Furtado de Menezes, ajudou a construir galpões no Bairro Concórdia para acolhimento de crianças e mulheres, viúvas. Um grupo de médicos Dr. Hilton Rocha, Dr. Antônio Ximenes, João Baptista Rezende Alves. Dr. José Maria Carneiro, Dr. Afonso Lustosa, Dr. Arlindo Polizzi e Dr. Francisco de Souza Lima iniciaram a Assistência Médica. Foi a partir deste ato que a Corporação de Médicos Católicos foi criada, denominado hoje e conhecido como Hospital São Francisco de Assis."

Tendo como base o referencial teórico acima citado, fica nítido a importância dessa instituição no contexto sociológico, antropológico e cultural na relevante contribuição a manutenção da saúde e da vida. A proposta aqui descrita não é a estrutura física como base de estudo, mas seus profissionais, e um foco bem amplo ao setor da psicologia neste ambiente apresentado. Ao realizar uma visita técnica a essa entidade, o foco foi conhecer o setor de psicologia. As psicólogas responsáveis pelo setor do CTI acolheram com muito carinho a equipe que realizou a visita técnica. Formada por quatro psicólogas, com abordagens distintas como: Cognitivo Comportamental, Psicanálise, Humanista e uma gestora também psicóloga chamada

Graciele. As dificuldades apresentadas nessa entrevista foram inúmeras. Um setor tão importante e de extrema relevância não tem o apoio necessário.

Existem normas, resoluções e protocolos que regulam a instituição hospitalar ajudando no funcionamento. Porém, é necessária uma contínua adequação, já que estabelecem parâmetros mínimos quantitativos3 para a composição da equipe em CTIs, incluindo proporções definidas para profissionais como médicos e fisioterapeutas. No entanto, para a psicologia, embora sua atuação seja reconhecida como importante na equipe multiprofissional, não há delimitação normativa quanto ao número de profissionais por leito ou ao volume de atendimentos, como exemplo: é necessário um médico, um fisioterapeuta, um enfermeiro para cada dez leitos por dia, já para o psicólogo não há delimitação para quantos leitos, o que pode levar a exaustão e o desgaste na qualidade dos atendimentos, mas o conselho federal de psicologia (CFP), e o código de ética do psicólogo, diz que se o número de atendimento comprometer o atendimento vira problema ético. Ou seja, o profissional precisa reconhecer e aceitar quando está no seu limite para poder continuar oferecendo um bom atendimento em geral.

Nessa perspectiva foi discutido de como é possível debater esses problemas levando para fora da instituição, e discutindo isso em fóruns e grupos de trabalhos de movimentos relacionados a Psicologia Hospitalar Brasileira. Mesmo propondo mudanças, ainda assim é difícil fazer a diferença. A instituição opera a partir de normas e limites previamente estabelecidos (instituído), porém, na prática, observa-se o movimento instituinte, que tensiona essas normas em busca de adequações mais sensíveis às demandas reais.

Situações emergenciais, como o acolhimento pontual de um colega em crise, podem justificar intervenções fora do protocolo, desde que sejam pontuais e visam evitar danos imediatos. No entanto, tais ações não devem substituir responsabilidades institucionais, sendo necessário que a organização se responsabilize pela criação de dispositivos adequados de cuidado. Com base nos dados apresentados até então, a de se realizar uma busca por limitadores que sejam o enfoque no cuidado da saúde mental destes profissionais que já são atingidos e atravessados por suas limitações e dificuldades diárias na vida cotidiana.

“A doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa. Todos que nascem têm dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar apenas o passaporte bom, mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos deste outro lugar.” – Susan Sontag.

2 DESENVOLVIMENTO

As instituições hospitalares desempenham um papel fundamental na promoção da saúde e no cuidado dos indivíduos. Entretanto, além dos desafios relacionados aos recursos materiais e tecnológicos, os hospitais enfrentam questões ligadas às relações humanas, à organização institucional, e à saúde mental dos profissionais e pacientes. Nesse contexto, as contribuições de José Bleger e Michel Foucault oferecem importantes ferramentas para compreender a dinâmica dessas instituições. Segundo Bleger, a Psico-Higiene consiste em um conjunto de ações voltadas para a promoção da saúde mental e para a prevenção de conflitos psicológicos nos grupos e instituições. No ambiente hospitalar, essa perspectiva destaca a necessidade de criar condições que favoreçam o bem-estar emocional dos profissionais de saúde, pacientes e familiares.

Entre os principais desafios estão o estresse ocupacional, a sobrecarga de trabalho, o sofrimento diante da doença e da morte, além das dificuldades de comunicação entre as equipes multidisciplinares. A ausência de espaços de escuta e reflexão pode gerar desgaste emocional, afetando a qualidade do atendimento e as relações interpessoais.

> “Meu propósito é contribuir com uma certa experiência, um certo conhecimento e uma boa dose de reflexão para repensar o conceito generalizado do que é um grupo e o que é um grupo numa instituição. Ocupei-me dessa questão em outras oportunidades, tomando como ponto de partida o problema da simbiose e do sincretismo. Entendo por isso os estratos da personalidade que permanecem em estado de não discriminação e que existem em toda constituição, organização e funcionamento de grupo, baseados numa comunicação pré-verbal, subclínica, difícil de detectar e conceitualmente difícil de caracterizar. Em função disso, temos de formular fenômenos com um tipo de pensamento e categorização, cujo estrutura está muito distante deles” (BLEGER, 2015, p.101).

Bleger também enfatiza que as instituições não são apenas estruturas administrativas, mas espaços onde aspectos conscientes e inconscientes influenciam comportamentos e relações. Dessa forma, conflitos institucionais, resistências às mudanças e dificuldades de cooperação podem comprometer tanto a saúde dos trabalhadores

quanto a eficácia dos serviços prestados. Por uma lente mais qualitativa, é que a fala de Bleger enumera as vertentes institucionais por um viés mais completo e relevante a se destacar. Para Bleger, realizar essa observação estrutural é de suma grandeza o seu reconhecimento, e a valorização por um olhar empático. Tendo por sua vez que a enunciação acima, descreve a preocupação de Bleger sobre o assunto.

A Psico-Higiene propõe intervenções que promovam o diálogo, a participação e a elaboração coletiva dos problemas vivenciados no cotidiano hospitalar. Todos estes desafios são apenas a ponta do Iceberg no referencial estrutural das relações institucionais como proposto no cerne deste texto, e sua base na área da psicologia institucional como ferramenta colaborativa e tendo como proposta uma resposta não conceitual apenas.

Por outro lado, Foucault analisa as instituições modernas4 como espaços de disciplina e controle. Inspirado no modelo do panóptico, idealizado por Jeremy Bentham, o autor argumenta que a vigilância constante leva os indivíduos a regularem o próprio comportamento. Nos hospitais, essa lógica pode ser observada por meio de protocolos rígidos, sistemas de monitoramento, avaliações de desempenho e normas que orientam as práticas profissionais.

O desafio apontado pela perspectiva foucaultiana é encontrar um equilíbrio entre a necessidade de organização e controle institucional e a preservação da autonomia dos sujeitos. Quando a vigilância se torna excessiva, pode gerar sentimentos de pressão, medo de errar e perda da capacidade crítica dos profissionais. Além disso, os pacientes podem ser reduzidos à condição de objetos de observação e intervenção, em vez de serem reconhecidos como sujeitos ativos no processo de cuidado.

A articulação entre Bleger e Foucault permite compreender que os hospitais são simultaneamente espaços de cuidado e de controle. Enquanto a Psico-Higiene enfatiza a importância da saúde mental, da escuta e das relações humanas, a análise do panoptismo evidencia os mecanismos de vigilância e disciplina presentes na instituição. Assim, um dos maiores desafios contemporâneos das instituições hospitalares é construir práticas que conciliem eficiência organizacional com humanização, promovendo tanto a qualidade do atendimento quanto o bem-estar dos

profissionais e pacientes. Em síntese, as contribuições de Bleger e Foucault mostram que a compreensão dos hospitais vai além de seus aspectos técnicos.

> "Este é um dos aspectos. Por outro lado, o Panóptico pode ser utilizado como máquina de experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos. Experimentar remédios e verificar seus efeitos. Tentar diversas punições sobre os prisioneiros segundo seus crimes, e temperamentos, e procurar as mais eficazes" (FOUCAULT, 2018, p. 197).

3 CONCLUSÃO

Para concluir, é necessário considerar as dimensões psicológicas, sociais e políticas que atravessam as instituições, buscando formas de gestão e cuidado que valorizem a saúde mental, a autonomia e a dignidade humana. Ao que se relaciona o quesito humanitário em uma instituição não é possível considerar um desfecho coeso neste tema sem abordar o nível de depressão que assola os pátios das unidades hospitalares, principalmente no quadro dos colaboradores da psicologia. Andrew Solomon um dos maiores nomes da psicologia moderna específica essa abordagem de uma maneira muito única, principalmente pelo nível de depressão que o assolou.

> "A depressão é a imperfeição no amor. Para poder amar temos que ser capazes de nos desesperarmos entre as perdas, e a depressão é o mecanismo desse desespero. Quando ela chega destrói o indivíduo e finalmente ofusca sua capacidade de dar ou receber afeição" (SOLOMON, 2014, p.15).

A depressão entre psicólogos é um tema que tem recebido cada vez mais atenção, pois esses profissionais lidam diariamente com o sofrimento emocional de outras pessoas, além de enfrentarem demandas institucionais, excesso de trabalho e cobranças constantes. Embora sejam especialistas em saúde mental, os psicólogos não estão imunes ao adoecimento psíquico. No contexto geral no qual foi apresentado para a produção deste texto, é impossível desconsiderar a saúde clínica e mental destes.

Nas instituições hospitalares, a psicologia muitas vezes é acionada apenas quando surgem situações consideradas críticas, como crises emocionais, dificuldades de adaptação ao tratamento, conflitos familiares ou sofrimento intenso diante do adoecimento e da morte. Essa visão reduz o trabalho do psicólogo a uma intervenção emergencial5, fazendo com que a psicologia seja percebida como um "último recurso" dentro das equipes multidisciplinares da saúde.

Entretanto, a atuação psicológica vai muito além do atendimento em momentos de

crise. O psicólogo contribui para a promoção da saúde mental de pacientes, familiares e profissionais, auxiliando na compreensão dos aspectos emocionais envolvidos no processo de adoecimento e hospitalização. Sua presença favorece a humanização do cuidado, a adesão aos tratamentos e a melhoria das relações entre os diversos atores presentes no ambiente hospitalar.

Sob a perspectiva de José Bleger, a Psicologia Institucional deve atuar preventivamente, promovendo a Psico-Higiene e identificando fatores que podem gerar sofrimento psíquico dentro da organização. Quando o psicólogo é chamado apenas em situações extremas, perde-se a oportunidade de desenvolver ações contínuas de prevenção e promoção da saúde mental.

Por sua vez, a análise de Michel Foucault permite compreender como as instituições hospitalares são atravessadas por relações de poder, normas e mecanismos de controle. Nesse contexto, a Psicologia pode desempenhar um papel importante ao criar espaços de escuta e reflexão, contribuindo para que pacientes e profissionais sejam reconhecidos como sujeitos e não apenas como objetos das práticas institucionais.

Portanto, considerar "a psicologia como o último recurso nas instituições hospitalares" limita seu potencial de atuação. Sua inserção desde o início dos processos de cuidado favorece a prevenção de problemas emocionais, fortalece as relações humanas e contribui para uma assistência mais integral e humanizada. Assim, o trabalho psicológico deve ser entendido como parte essencial da equipe multidisciplinar, e não apenas como uma intervenção destinada aos momentos de maior crise.

> "Em medicina e em saúde pública, entende-se por prevenção qualquer medida que vise a interceptar a causa de uma doença antes que ela atinja um indivíduo, desta forma prevenindo sua ocorrência. Resultamos que as medidas preventivas dependem estritamente da causa em questão, o que significa que só se pode falar de prevenção intencional quando a etiologia de uma doença é conhecida, embora existam exemplos de intervenções preventivas bem-sucedidas sem nenhum conhecimento da etiologia da doença" (BERTOLOTE, 2012, p.81).

A grande problemática em referência ao destaque sobre o cuidado emocional e mental dos profissionais da psicologia, é sair do quesito laboratorial e de forma eficaz atribuir políticas que possam emergir de forma significativa e expressiva nesses indivíduos que se doam pelo próximo. Afinal, quem cuida de quem cuida? Pode-se refutar todas as vertentes anteriores, mas jamais descredibilizai esse importante

questionamento nas esferas cinéticas, e até mesmo jurídica.

> "E nesta perspectiva, o conteúdo do diálogo será necessariamente o que se passa no interior das pessoas, ou seja, nos seus psiquismos e tudo o que está implicado nisso, mas, principalmente, num tipo de saber ligado às vidas fáticas que não é um saber puramente teórico ou instrumental, saber este que quer fixar categorial ou conceitualmente uma realidade dada a ser imposta ou explicada por alguns para todos. O que se busca com o diálogo, é o mesmo que uma racionalização do que se passa nos psiquismos de quem está em conflito e dialogar com tudo isto não quer dizer que se deva buscar uma racionalidade pura, na qual não existe espaço a expressão de sentimentos, expectativas e esperanças" (GRECO, 2015, p.209).

REFERÊNCIAS

BERTOLOTE, José Manuel. O Suicídio e Sua Prevenção. São Paulo: UNESP, 2012.

BLEGER, José. Temas de Psicologia -Entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes LTDA, 2015.

FHSFA, História do Hospital São Francisco – Tradição em Cuidado. Disponível em: https://www.saofrancisco.org.br. Acessado em 21/05/2026 às 23:17h.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão. Rio de Janeiro Vozes, 2018.

GRECO, Frederico Costa. A (IN) Efetividade Do Direito. Florianópolis: Empório Do Direito, 2015.

SOLOMON, Andrew. O Demônio Do Meio-Dia. Uma anatomia da depressão. São Paulo: Companhia Das Letras, 2014.

NOTAS EXPLICATIVAS DO DOCUMENTO ORIGINAL

1. A Psico-Higiene (ou higiene mental) é o conjunto de práticas e conhecimentos voltados para a prevenção de adoecimentos, promoção do equilíbrio emocional e melhoria da qualidade de vida. O termo também se refere a uma área da psicologia social e institucional, formalizada pelo psicanalista José Bleger, que foca na saúde de populações sadias em ambientes como escolas, empresas e comunidades, indo além do foco na doença.

2. Empatia é a capacidade psicológica e emocional de se colocar no lugar do outro, compreendendo seus sentimentos, perspectivas e experiências. Vai além de apenas imaginar a situação, exigindo um esforço genuíno para entender a visão de mundo alheia sem julgamentos prévios.

3. Quantitativo refere-se a tudo aquilo que diz respeito à quantidade, que pode ser medido, expresso em números ou calculado. É frequentemente utilizado para definir valores numéricos específicos ou métodos de pesquisa baseados em estatística.

4. As instituições modernas são os mecanismos sociais, políticos e econômicos que orientam o comportamento e organizam a convivência. Diferente da era medieval, a modernidade consolidou instituições estruturadas na formalidade, divisão racional do trabalho, impessoalidade e burocracia.

5. Uma intervenção emergencial é uma ação técnica ou administrativa rápida e prioritária executada para conter, reparar ou evitar danos graves a sistemas, estruturas, serviços públicos ou ao meio ambiente. Essas medidas visam garantir a segurança e restaurar a normalidade de operações afetadas.